

2
« Meu crime? responde o triste,
Em que meu crime consiste?
Não sei de certo... não sei!
Digam-me lindo, minino,
Tenho o canto sonoro
Visto-me d'ouro... soufreí!

Fui livre, na verde matta
Tinha das fontes a prata,
Da luz do sol tinha o ouro.
E pelos ares voando,
Ta contente gozando
As prindas do meu thesouro.

Quando a manhã despertava
Meu doce canto elevava
Ao terno Creador;
E quando a noite descia
Nas verdes ramas dormia
Quieta, como uma flor.

Mas, h. um dia... (Oh! bem me lembrei)
Foi pelo mez de Setembro
Já reinava a Primavera;
Minha terna companheira
Nessa galhe e a laranjeira
O novo ninho tecera.

Em quanto ella, amorosa,
Mãe feliz e descuidea
Os ovinhos aquecia;
Eu, sobre o ramo florido
Com doce canto embebido
Meu terno amor lhe dizia

3
Eu, porém, que desrepente
Um rapazito indolente
Que deixara de ir à escola,
No galho da laranjeira
Com habil mão traiçoeira
Arranhou-me a infernal gaivota.

Ah, no aberto alçapão,
Eu via farta ração
De leura alpiستا géstica,
Vaci para o comedouro...
Está!! Todo aquelle thesouro
Tira illusão enganosa!

Chorava... cantando, chorava
Da pura dor que magoava
Ateneu pobre coração?
Ah! que triste amarga dor!
Perdi a meiga consorte,
Meus amores, meu sertão!

Nesta dura solidade,
Choro a doce liberdade
Duma existência ditosa;
Choro meu muito desprazo
Por quem não tinha no peito
Alma bella e caridosa!

E sempre se o sol raiava,
Sempre se a noite chegava
Se curria o canto magoado
Do pobrezinho innocent
Preso, sem ser delinquente,
Soffrendo, sem ser culpado!

—
Selma de Figueira